

□ processo



Processo aberto



A seção Processo Aberto desta edição é dedicada à memória do professor João Otávio. E não imaginamos melhor forma de homenagear esse grande artista do que partilhando seus processos de criação.

Assim, Silvia de Paula e André Haidamus narram suas experiências de trabalho com o diretor. De pontos de vista distintos, Silvia relata sua colaboração como assistente de direção de *Angústias*, e André a trajetória de aprendi-

zagem como aluno/ator em *O jardim das cerejeiras*.

Duas parcerias, fruto de descobertas diferentes, que parecem fazer valer as palavras de André: “Feliz daqueles que tiveram a oportunidade de conhecer, mesmo que pouco; o homem, o ator, o bailarino, o professor, o diretor, o amigo João Otávio... Reconhecido na sua arte.”

“ANGÚSTIAS” ... o paradoxo do entendimento... !

POR SILVIA DE PAULA

Tudo que agora eu sonho e que me parece impossível e não terrestre é, na realidade, muito comum.

Anton Tchekhov

Relato do processo de montagem da obra “Angústias”, adaptação de contos de Anton Tchekhov, com direção de João Otávio e alunos do PA5 (domingo) – ano 2012 / 1º semestre, Unidade Barra Funda.

Obra de João Otávio¹

“Angústias!” Um processo proposto por um grupo de artistas dirigido por João Otávio, meu mestre na generosidade e encantamento pela arte. Se me permitem voltar no tempo e apresentar como conheci o João, o conheci no palco, em um espetáculo chamado “Primavera no vaso”², e me apaixonei pela intensidade em viver e ser. Segui aos poucos seus passos, encantada pelo seu trabalho. Quando ele chegou à escola para dar aula, o único som que consegui emitir foi “uauuuu”, lembrando do “uauuu” que a Laurinha³ nos ensinou. “Uau” é o que temos de interesse e interessante por dentro. E, naquele momento, meu interesse era me aproximar daquele que eu achava um dos Deuses que eu conhecia na arte, João Otávio. Eu disse tudo isso a ele ao vivo e a cores, ele riu muito com aquele sorriso que nos acolhia e esbanjava vida.

Tivemos a sorte de nos encontrarmos para troca de trabalhos. Na ocasião, consegui fazer assistência para ele. A princípio, o João não entendia meus “porquês”. Achou absurdo alegando que, como já trabalhávamos juntos profissionalmente, eu deveria dirigir e não assisti-lo. João Otávio tinha a modéstia e humildade de um GRANDE HOMEM DE TEATRO. E como acredito que sempre há o que aprender e sempre há o que ensinar, mergulhei nessa experiência com todo meu amor

e dedicação, pois encarava como uma oportunidade única de conhecer seus pensamentos e ideologias. E foi este o processo, “Angústias”, construído na horizontalidade e enriquecido com diferentes olhares.

Quem somos

“Angústias” – Direção João Otávio

Assistentes – André Haidamus, Rafael, Silvia e o dramaturgo Tomás Floris Guadix

Artistas do processo: Camila Aires, Bruno, Juliana Varroni, Kauira Grillo, Daniel, Henrique, Renata Lamata, Leticia Neumann, Aretta Darelli, Jailton Dias, Mônica Quinquinato, Jefferson Pedace e Fernanda Marques.

Uma turma de PA5 de domingo, no processo do primeiro semestre de 2012, com o tema da Mostra “Além da inquietude, doação e complexidade” que, a partir das provocações e vivências propostas pelo João, suscitou ainda outras indagações, como: o que nos incomoda hoje? Quais são nossas inquietações? O que nos move? O que pode mover o público? Por que continuamos vivendo? Por que não desistimos?

E, de quem éramos, descobrimo-nos seres cheios de fissuras, lacunas, impulsos, enraizados em preconceitos, cheios de querer e provocações, no sentido de que não é o suicídio que não compensa, mas a vida que vale a pena.....

¹ João Otávio Arantes Barreto – Ator-bailarino formado pelo Teatro Escola Macunaíma (2000) e terapeuta corporal especializado em medicina tradicional chinesa (escola A.M.O.R. - Associação dos Massoterapeutas Orientais). Também formado como educador somático (Formação e Integração do Movimento Somático – BMC). Foi instrutor, pré-treinee em Gyrotonic e preparador corporal das companhias: Tablado de Arruar, Grupo XIX de Teatro e Teatro do Desconhecido. Era integrante do “Projeto Crescer”, que desenvolve um trabalho de massagem e coordenação motora em crianças e adolescentes de creches e abrigos de São Paulo. Era professor no Teatro Escola Macunaíma desde 2009 e investigava o trabalho do ator-bailarino desde 2000, ao entrar em contato com treinamentos como: Antropologia Teatral, com Eduardo de Paula; Mímica Corporal Dramática, com Laura Lucci; Clown, com Bete Dorgam; e Mídias Rajneesh com Simone Shuba. Em 2009 assumiu a direção do Tablado de Arruar, com o espetáculo “Helena pede perdão e é esbofetada” e, em 2012, dirigiu o novo espetáculo do grupo, contemplado pela lei de Fomento ao Teatro da cidade de São Paulo, “Mateus, 10”.

² Peça de Reinaldo Mesquita, com direção de Simone Shuba.

³ Laura Lucci, por dez anos, foi professora do Teatro Escola Macunaíma.

“‘ANGUSTIAS’ TRAZ À CENA O MUNDO DOS CONTOS DE ANTON TCHEKHOV. É UMA CLARA MATERIALIZAÇÃO ARTÍSTICA DOS SENTIMENTOS PLASMADOS NAS HISTÓRIAS DO AUTOR. SENTIMENTOS QUE, EMBORA COTIDIANOS, SE REALIZAM NAS MAIS DELICADAS, PROFUNDAS ESPONTANEIDADES E SURPRESAS.”

JOÃO OTÁVIO

Referências textuais

Em minhas reflexões com o grupo na roda inicial, fazíamos referência à aula anterior e o João norteava o trabalho do dia. E, em uma das aulas, levei o texto de Clarice Lispector, “O Paradoxo do Entendimento”:

Mas de vez em quando vinha a inquietação insuportável: queria entender o bastante para pelo menos ter mais consciência daquilo que ela não entendia. Embora no fundo não quisesse compreender. Sabia que aquilo era impossível e todas as vezes que pensara que se compreendia era por ter compreendido errado. Compreender era sempre um erro - preferia a largueza tão ampla e livre e sem erros que era não-entender. Era ruim, mas pelo menos se sabia que se estava em plena condição humana.⁴

João era assim, provocador ao extremo e a todo tempo nos inundava com textos maravilhosos para refletirmos o ser e o ser artista. Registrar os encontros foi fundamental para que eu entendesse todo o percurso. João instigava a todos na questão da vivência e não na racionalização do que estávamos construindo. Os registros eram com o intuito dos atores revisitarem o vivido intenso e refletirem sobre seu lugar de contribuição e evolução para o avanço do processo. Cada um deveria ler e contribuir com reflexões. A princípio, não funcionou, mas com o passar do tempo, o grupo percebeu a necessidade deste espaço que lhes dava voz.

Outro texto de provocação foi “Manifesto: A vida do Artista”, de Marina Abramovic. Assim seguíamos alimentados em todas as aulas neste processo de ganhar consciência sobre nosso fazer artístico. Neste momento, a inquietude que pairava no grupo era o interesse: Vivemos para quê? Para quem? Construimos para quê? Para quem?

Para questionar a todos em relação ao comprometimento, João nos provocava com trechos de textos de Deleuze. E um integrante do grupo registra no blog sem se identificar, que não lhe saiu da cabeça a reflexão sobre o caráter destrutivo, que, segundo Walter Benjamin:

O caráter destrutivo não vê nada de duradouro. Mas, por isso mesmo, vê caminhos por toda a parte. Mesmo onde os demais esbarram em muros ou montanhas, ele vê um caminho. Mas porque vê caminhos por toda a parte, também tem que abrir caminhos por toda a parte. Nem sempre com força brutal, às vezes, com força refinada. Como vê caminhos por toda a parte, ele próprio se encontra sempre numa encruzilhada. Nenhum momento pode saber o que trará o próximo. Transforma o existente em ruínas, não pelas ruínas em si, mas pelo caminho que passa através delas. O caráter destrutivo não vive do sentimento de que a vida vale a pena ser vivida, e sim de que o suicídio não compensa.⁵

4 In “Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres.” São Paulo: Rocco, 1998, p. 18.

5 In “Documentos de cultura, documentos de barbárie: escritos escolhidos.” São Paulo: Cultrix/Edusp, 1986. pp.187-188.

O movimento de construir a partir da desconstrução, dos escombros, da possibilidade de nascerem flores em pedras, nos leva à arte que não adianta fingir interesse. Em nosso processo, isso significava o movimento de ambas as partes, diretor e ator, pois interesse é se aventurar, experimentar, é o pulso da vida. Interesse: inter (entre) e esse (ser, estar), estar entre.

João afirmava que para acontecer é preciso estar. E, assim se constituiu o contrato ético do grupo em relação aos horários e início do treinamento dos atores, baseado no texto para reflexão de Tadeusz Kantor:

“Retrato nu do homem”

O ator

retrato nu do homem,
exposição a toda venalidade,
silhueta elástica.

O ator, feirante, exibicionista descarado,
simulador fazendo demonstração
de lágrimas, do riso,
do funcionamento de todos os órgãos,
de auges do ânimo, do coração, das paixões,
do ventre, do pênis, o corpo exposto
a todos os estímulos,
todos os perigos e todas as surpresas;
ilusionista, modelo artificial de sua anatomia
e de seu espírito,
renunciando à dignidade e ao prestígio,
lançando o desprezo e os escárnios,
mais próximo do lixo do que da eternidade,
rejeitado por quem é,
normal e normativo em uma sociedade.

Ator

não vivente a não ser na imaginação,
conduzindo a um estado de insatisfação crônica
e de insaciabilidade diante de tudo,
o que existe realmente além dos universos da
ficção,
que o empurra a uma nostalgia espiritual
constrangendo-o,
a uma vida nômade.

Ator feirante,
eterno errante
sem eira nem beira,
procurando porto em vão,
com suas bagagens todos seus bens,
suas esperanças, suas ilusões perdidas,
isso que faz a riqueza

e a carga
uma ficção
que ele defende ciosamente até o fim
contra a intolerância de um mundo indiferente...⁶

João leu o texto com toda ênfase e se emocionou ao acabar a leitura, apontando as escolhas de cada um para a importância deste processo. O eu é importante hoje?

E os contos de Tchekhov caíram como uma luva no processo de formação deste grupo.

Nós, os personagens

Somos nós, temos todas as histórias do mundo. Precisamos entender a metáfora das histórias.

Nesta viagem dos contos, éramos convidados a abrir janelas, a ampliar e trazer minha riqueza na relação comigo e com o outro. Cada um é pego por uma questão singular, a história está cheia de conteúdos conscientes ou inconscientes e cada um vai abrir a sua janela de acordo com o seu viés, o que enriquece o todo.

Os personagens não foram determinados, tudo foi descoberto no jogo. João apresentava cada proposta de construção de cenas como uma brincadeira e assim os contos iam surgindo de acordo com o estudo e apropriação de cada ator. Cada aquecimento proposto despertava e estabelecia a comunhão e respeito no grupo.

O que temos quando a única possibilidade é continuar vivendo?

No processo de análise dos contos na prática, em que líamos os textos e improvisávamos em roda ou pelo espaço a partir do comando do João, íamos também caminhando na descoberta do nosso Superobjetivo. O texto “O beijo”, um dos contos de Tchekhov trabalhados, foi fundamental para essa descoberta.

André Haidamus, um dos assistentes do processo, criador do blog do grupo, fez a proposta de que todos os atores deveriam escrever em nossa plataforma de comunicação e estudo do processo. Assim os alunos começaram a contribuir com as reflexões sobre os personagens que experimentavam nos jogos de improviso:

⁶ In “Le Théâtre de la Mort”. Editions L’Age d’Homme, Lausanne, 1977, p. 162-165. Tradução de Roberto Mallet.



Arettsa Darelli, Bruno Camilo, Camila Aires, Daniel Mathioli, Fernanda Marques, Henrique Godoy, Jailton Dias, Jefferson Pedace, João Otávio, Juliana Varroni, Kauira Grillo, Letícia Neumann, Mônica Quinquinato, Renata Lamata.

O treinamento

Tivemos, no processo todo, um treinamento corporal intenso ministrado pelo João e o Felipe Rocha, convidado para coordenar uma prática maravilhosa que nos fez refletir o quanto a vida pede atitude. Será que precisamos viver ou morrer? Odiar ou amar? Dormir ou acordar? Rir ou chorar? Ou isto ou aquilo como diz Cecília Meireles.

O treinamento foi centrado na escuta corporal, o que exigia uma prática física intensa na preparação do ator, ativando o corpo expressivo e cotidiano ao mesmo tempo.

É preciso estar, mergulhar na dor do Ser e de Ser, de existir e saber-se existente, agir e reagir, deixar fluir o sangue num movimento contínuo de pulsar e preencher as vísceras envolvidas por ossos, protegidas por músculos e aquecidas pela

pele, a pele que já não é superfície, é o sensível, o orgânico, você, eu, nós em energia que constrói e destrói para o renascer aqui agora...

Os exercícios eram sempre voltados para a comunhão consigo e com o outro e com os outros, já que o público era parte importante do jogo. Todos se percebendo, sendo propositores e receptores.

Exercícios: Em trios, trabalhar o movimento no corpo do outro, se deixar levar pelo outro, o controle não está em suas mãos, nem na sua vontade.

Reflexão: é impossível um ser humano abdicar da sua vontade inteiramente, nem alguém preso em uma solitária desiste do seu ímpeto. Tua vontade não desaparece, a necessidade existe.

Por que não desistimos? O outro nos referencia, nos preenche, nos esvazia, nos instiga, nos provoca, nos conforta, nos inquieta. Não desistimos porque existe o horizonte. Porque temos a



Bruno Camilo, Jefferson Pedace, Kauira Grillo.

vontade. Dizia João:

João – *A vida é feita de bons e maus encontros, por mais que tentemos fazer a vida linear, ela é cíclica.*

O externo que impulsiona o interno, o tédio da razão que busca sentido para o Ser. Ação inconsciente, movimento de descoberta, onde estar na circunstância nos coloca no lugar do aqui agora.

João – *Vamos revelar a alma e não apenas a pele.*

Práticas de mais um dia

Sempre iniciávamos nossos encontros com a roda (o grupo em círculo) e uma reflexão. Para João, o jogo era sempre um processo de decisão, estar vivo no aqui agora, consciente, preenchido de pensamentos que alimentam as ações. O ator nas circunstâncias pode ir direto ou criar, é preciso decidir sempre reconhecendo as circunstâncias. O que muda em cena?

Cada vez mais nos preocupamos com o que sentimos, mas antes mesmo de sentir pensamos, não paramos para saber o que pensamos, pensa-

mento mais ação pode se tornar hábito e o hábito pode transformar o que nos cerca. O corpo é estimulado pela imaginação e a mente obedece porque o corpo fica cansado.

Pensando em ter decisão sempre e que a ação é que traz o estado, iniciamos o exercício de trabalhar as membranas que nos escondem fisicamente. Este exercício ativa o corpo pela consciência da energia e do pensar e agir na circunstância proposta.

João apontava o processo do pensar e agir que nos coloca no lugar do jogo que faz acontecer, de dentro para fora: se ver no outro, escutar, atenção aos pequenos detalhes. No erro nos reorganizamos, tudo é possível.

João – *Somos dois corpos, um aparente e o outro decorrente de segredos.*

O jogo da roda livre de improvisação nos acompanhou no processo de descobertas das cenas e subsidiou o trabalho tanto individual quanto coletivo. Passamos então a buscar o fio que conectava todos os contos.

Tchekov fala da não importância, do eu sou, do

que você é – um olhar que signifique sua existência. O interessante artisticamente é interessante se for antes para você. A não importância nos pertence.

Os exercícios de treinamento do ator nos abrem para o jogo de improvisação, onde nos percebemos como um grão que compõe o todo. Se descobrir a cada gesto, a cada movimento, entendendo a circunstância proposta pelo conto.

Como ecoa em mim a fala do outro? O que me inquieta na fala do outro? Como é escutar o não dito e reagir ao dito?

Refletimos sobre os contos e chegamos ao consenso que o ponto que os une é o não importante, pois vivemos em uma sociedade onde as pessoas vivem no pulso, na urgência do sucesso o tempo todo, a qualquer preço. O simples, o olhar, a perda, o amor, o humano nos remete a angústia.

João tinha em mente cada segundo da aula, apesar de não admitir isso; sempre falava ao grupo que não sabia onde tudo ia chegar naquele dia. Mas desde sua primeira reflexão até o final da aula, estava tudo concatenado, tudo conectado.

Nossos encontros se encerravam com a leitura das impressões do escriba e com uma foto revelando a síntese do vivido, fotos que serviram no processo de avaliação individual e coletiva com diferentes estratégias.

A cada encontro uma descoberta

Novas propostas iam surgindo até o espetáculo ganhar corpo. Tudo foi feito coletivamente a partir do material que os atores apresentavam no jogo. Sabiamente João ia costurando a encenação, a luz, o figurino, o texto e a atmosfera instaurada. Agora era amadurecer a “presença”. Este espetáculo exigia o tempo todo o máximo de entrega dos atores, que tinham que estar vivos e orgânicos. Cada detalhe de respiração, espaço, olhar, relação mínima, tudo foi pensado, experimentado e abraçado por todos.

A angústia pode ser um olhar que signifique nossa existência, um movimento interno que reverbera na superfície da pele, determinando a ação de um corpo vivo no processo de desconstrução; e o mais profundo do ser que se esconde

quer gritar para o mundo “estou vivo”... O que está morto está enterrado? O que está vivo sabe? Onde começo e onde termino? Tudo tem um fim? Eram muitas questões que perambulavam nosso processo de desenvolvimento do espetáculo.

João nos mostrava o encontro no teatro, conosco mesmo e com o público. A cada aula, abríamos possibilidades e não fechávamos caminhos. Nosso fio condutor, a angústia, nos revelava o homem esgotado, o nada a fazer nos dias de hoje. O que nos faz acordar todos os dias? Que esperança doentia é esta de continuar? Este encontro aparentemente sem importância, estar do lado de alguém vendo o espetáculo, pode lhe afetar de muitas formas. A descoberta será jogando: o estado de atenção, a troca ativa todos os sentidos e este lugar propõe estar inteiro.

Assim fomos escolhendo os contos para o espetáculo. Escolhidos os contos, nosso desafio era encontrar o limite de um para o outro. Onde terminava um e começava outro.

João nos apontava o quanto a arte deixou de ser a representação da vida real e passou a apresentar a opinião, o pensamento crítico da realidade que parte do nosso olhar, que é pessoal e intransferível. É preciso esvaziar-se não do que é, mas desbloquear-se para que o ser converse com o que está por vir sem negar o que foi.

O resultado final

O semestre todo falamos sobre o que é o ator contemporâneo sob o ponto de vista de diferentes autores. João apresentou inúmeros exemplos; falamos de pessoas que acreditam em um teatro mecânico, marcado e previsível, onde o objetivo está em promover o ator enquanto celebridade. Isso nos marcou muito.

João apontou que, para fazer um teatro da vivência, não basta ensaiar um ou dois meses e ter marcações. Não podemos colocar os personagens em lugar mítico, lembrado ou celebrado como algo maravilhoso, fabuloso, senão repetimos o preconceito de que o ator tem que brilhar. Brilhar é tudo menos teatro. A ação de um ator que está inteiro no seu fazer é que propicia o verossímil, causa incômodo, provoca e causa estranhamento no público.



FOTO: ANDRÉ HAIDAMUS

Aretta Darelli, Bruno Camilo, Jefferson Pedace, João Otávio, Kauira Grillo.

Mas para isso é preciso estar inteiro e, portanto, João questionava-nos sobre o que eu trago para a aula, com o que eu contribuo? Estamos na reta final. João aponta o trabalho de grupo, que ninguém pode entrar querendo salvar o espetáculo, achando que tem que fazer o melhor, o jogo é trabalhar o vazio, a angústia.

O final da nossa peça chamamos de teatrão. Por quê?? É o tradicional, o brilho, o sucesso que todos querem. Vamos fazer o teatro que não queremos, com a consciência do que acreditamos que comunica de fato. E esta cena final revela tudo que tem no teatro do brilho. O final é a resposta de tudo que fizemos conscientes de que um teatro da vivência não é teatrão.

Esse é o final: ficar congelado até fechar a cortina, que não se fecha. Não rir de si mesmo, levar a sério o brilho, os atores que não tem filtro, que buscam apenas o sucesso a qualquer custo, que anulam o censo crítico. O passo deve ser ruim mesmo, a coreografia que não dá certo. O texto vai estar desconectado do corpo e trará a cons-

ciência na voz e na expressão facial. Não cabe o deboche, nem tirar sarro. E mesmo assim estão na mídia. Humanizamos-nos com o sofrimento do outro? Ou achamos que estamos distante da realidade do sofrimento? O que me cabe do que o outro vive?

Após os atores realizarem esta cena final com total dedicação e presença, João queria a mesma energia em todas as cenas que fossem sendo construídas, vontade de estar presente, vontade interna.

Renata Lamata, integrante do grupo, compartilha que o processo está sendo intenso e desafiador, o quanto está sendo importante para sua formação, e que é um semestre muito significativo.

Radicalizamos o fazer teatral, o universo da humanidade esquecida, adormecida, anestesiada. Esta foi uma das últimas conversas com o grupo para refletir o processo.

Querido João, muito de você fica em nós!
Silvia de Paula é pedagoga, atriz e professora do Teatro Escola Macunaíma. ■

Relato do processo de montagem da obra “O Jardim das Cerejeiras”, de Anton Tchekhov, com direção de João Otávio e alunos do PA5 (semana/noite) – ano 2012 / 2º semestre, Unidade Barra Funda

POR ANDRÉ HAIDAMUS

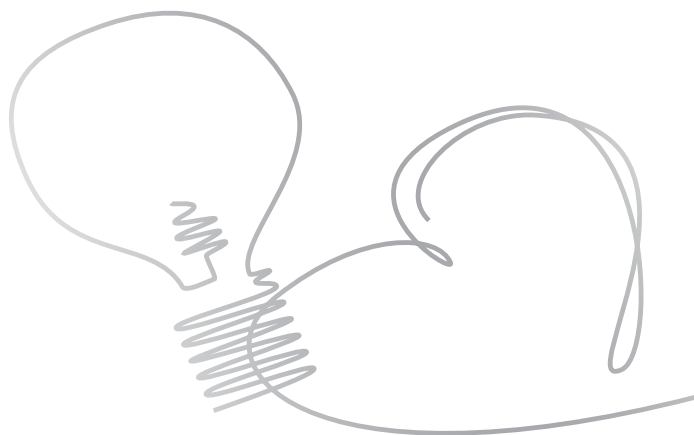
*João Otávio, ...
Ator forasteiro,
eterno errante
sem lar nem lugar,
buscando em vão o porto,
carregando em suas bagagens
todo o seu bem,
suas esperanças, suas ilusões perdidas
o que é sua riqueza
e sua carga,
uma ficção
que ele defende zelosamente até as últimas consequências
contra a intolerância de um mundo indiferente.*

Tadeusz Kantor

Relato do processo de montagem da obra “O Jardim das Cerejeiras”, de Anton Tchekhov, com direção de João Otávio e alunos do PA5 (semana/noite) – ano 2012 / 2º semestre, Unidade Barra Funda.

Como tudo começou?

Foi amor à primeira vista. Nosso “romance” com o professor João Otávio começou quando estávamos no PA4 / primeiro semestre de 2012, no processo de montagem de “Resquícius”, dirigido por Simone Shuba, quando a convite ele assistiu nosso ensaio aberto. A escola dá aos alunos a oportunidade de escolher o professor / diretor no último semestre da formação, assim não tivemos dúvidas quando ingressamos no PA5. Totalmente seduzidos pela inteligência, sensibilidade e pelo amor incondicional que João Otávio tinha pelo teatro; o solicitamos para condução desse trabalho que marcaria o fim da nossa trajetória como alu-



nos do Teatro Escola Macunaíma.

Nossa primeira reunião aconteceu antes mesmo de iniciar o semestre letivo, nas férias nos encontramos para um café e bate papo na Casa das Rosas, convidados por João. Eu me lembro de que fazia bastante frio, a Avenida Paulista estava congestionada no dia 12 de julho, uma quinta-feira de noite. Começamos a conversar muito informalmente sobre assuntos triviais: a lua, o trânsito, o clima e no meio disso tudo o João perguntou:

“Por que vocês me escolheram para direção?”

Silêncio.

“O quê vocês querem montar e por quê?”

Silêncio.

Como tudo começou?

Foi amor à primeira vista. Nosso “romance” com o professor João Otávio começou quando estávamos no PA4 / primeiro semestre de 2012, no processo de montagem de “Resquícios”, dirigido por Simone Shuba, quando a convite ele assistiu nosso ensaio aberto. A escola dá aos alunos a oportunidade de escolher o professor / diretor no último semestre da formação, assim não tivemos dúvidas quando ingressamos no PA5. Totalmente seduzidos pela inteligência, sensibilidade e pelo amor incondicional que João Otávio tinha pelo teatro; o solicitamos para condução desse trabalho que marcaria o fim da nossa trajetória como alunos do Teatro Escola Macunaíma.

Nossa primeira reunião aconteceu antes mesmo de iniciar o semestre letivo, nas férias nos encontramos para um café e bate papo na Casa das Rosas, convidados por João. Eu me lembro de que fazia bastante frio, a Avenida Paulista estava congestionada no dia 12 de julho, uma quinta-feira de noite. Começamos a conversar muito informalmente sobre assuntos triviais: a lua, o trânsito, o clima e no meio disso tudo o João perguntou:

“Por que vocês me escolheram para direção?”

Silêncio.

“O quê vocês querem montar e por quê?”

Silêncio.

Um silêncio preenchido de medo e dúvidas se fez presente. Nossa escolha percorria caminhos intuitivos. Imediatamente o João começou a falar sobre suas expectativas e anseios com esse trabalho, justamente sobre esse medo que saltava aos nossos olhos, o terror e o pânico sobre as incertezas da vida. Seguimos a conversa falando sobre o tema da Mostra, “Além da inquietude, doação e completude”, e da relação desses conceitos com nosso cotidiano. O “bate papo” fluía cada vez mais, estávamos todos ali conectados e engajados descobrindo nossos “porquês”. Estávamos iniciando nosso último semestre no curso de Formação de Atores, os pensamentos e discussões em relação ao que viria depois de “formados” e a continuidade do processo se tornavam cada vez mais fortes. O medo gerava um desconforto tão notório em todos os integrantes do grupo, que

passou a ser tema de trabalho. Encerramos esse primeiro encontro com a tarefa de estudar alguns textos: “Ensaio sobre o medo”, organizado por Adauto Novaes – Editor SENAC São Paulo, Edições SESC SP, “Do medo ao terror” e “O espectador emancipado” – de Jacques Rancière, tradução de Marcelo Gomes, e “Elogio do medo”, de Maria Rita Kehl; com o dever de pesquisar repertório de dramaturgia que dialogasse com o tema da nossa conversa e com uma frase dita pelo João que particularmente me afetou muito:

“... Eu não sei se nossa peça será bonita, mas tenho certeza de que nosso processo será honesto...”.

As aulas começaram oficialmente. Chegamos com um turbilhão de pensamentos, dúvidas, expectativas e desejos. No período de férias nos alimentamos das referências indicadas e nesse primeiro dia falamos ainda mais sobre a questão do Medo, de forma generalizada e cotidiana:

Da morte;

Do que tem fim;

Do relativamente trivial;

Do que nos tolhe;

Do que nos relativiza;

Do que nos paralisa.

Quero crer que nada é coincidência, que o universo de fato conspira e que absolutamente tudo é relativo. O grupo de alunos vinha de um processo de pesquisa da obra e autor russo, “Um mês no campo”, de Ivã Turguêniev. Também no semestre anterior, João havia dirigido na escola o espetáculo “Angústias”, construído no estudo de contos do autor russo Anton Tchekhov. A partir das palavras chaves: morte, fim, medo, inquietude, doação, completude e da nossa vivência no semestre anterior; chegamos ao texto “O jardim das cerejeiras”.

Última peça escrita por Tchekhov, no momento em que estava enfermo e ciente de que se aproximava do fim; foi encenada pela primeira vez em 1904, dirigida por Stanislavski. Segundo Elena Vássina, o autor ficou consagrado como o mais ousado transgressor da tradição literária clássica e um importante precursor das formas e da linguagem artística contemporânea.

Sentimo-nos desafiados e imediatamente nos

lançamos na leitura da obra, no entendimento do segundo plano, conhecendo a biografia do autor, a estrutura dramática, nos surpreendemos com a atemporalidade dos conflitos e a íntima conexão que estes têm com as premissas do nosso estudo.

Nesse contexto podemos, sem falsa modéstia, dizer que não escolhemos o texto. O texto nos escolheu. Só descobrimos isso depois das apresentações na Mostra.

Treinamento

O Viewpoints alivia a pressão de ter que inventar tudo por si mesmo, de gerar tudo sozinho, de ser interessante e forçar a criatividade. O Viewpoints permite que nos entreguemos, que possamos cair em um espaço criativo vazio e confiar que há algo lá, outra coisa além do nosso próprio ego ou imaginação, para nos pegar.

Viewpoints nos ajuda a confiar em deixar algo acontecer no palco, ao invés de fazer acontecer. A fonte para a ação e invenção vem até nós a partir dos outros e a partir do mundo físico ao redor de nós.

(BOGART, 2005, p. 20).

O grupo de alunos iniciou no PA4, com a professora Simone Shuba, uma pesquisa de composição cênica a partir dos princípios do Viewpoints. Nosso desejo, agora no PA5 com o professor João, era de aprofundar no treinamento dessa filosofia de movimentos e fazer uso das práticas para o processo de criação no coletivo. Nossa premissa era trabalhar o estado de prontidão do ator em cena. Essa questão nos levou a outras reflexões ainda mais complexas:

Como estabelecer uma atmosfera criativa e autoral? Como manter viva a presença do ator em cena? É possível conquistar a horizontalidade no processo?

Contamos com a colaboração dos artistas Felipe Rocha e Amanda Lyra e iniciamos um treinamento intensivo de Viewpoints, por 12 horas divididas em 4 encontros. Este método foi desenvolvido por Anne Bogart e Tina Landau a partir dos conceitos da dança contemporânea, para situar

o ator fazendo uso e observação do Tempo e Espaço, no presente. Com esse treinamento avançamos no entendimento de que o teatro se dá no jogo de ações. Onde cada resposta é uma reação a um estímulo que tem sua nascente na escolha, no processo de decisão dos atores. Outros pontos de atenção se dilataram nesta série de exercícios dirigidos: a disponibilidade de escuta do ator em cena, a percepção da relação com o espaço, com os outros atores e com a plateia e a incitação do “interesse”. Estávamos preparando o corpo, a mente e a alma para lidar com o improvável, com o desconhecido.

A construção cênica no coletivo

Fomos alimentados pelo treinamento de Viewpoints para iniciarmos as experimentações cênicas, já a partir da dramaturgia “O jardim das cerejeiras”, em seus quatro atos. Primeiramente decidimos que a leitura aconteceria também no coletivo. Fizemos “rodas” e a cada aula desvendávamos um ato da peça na leitura dramática, buscando conexões das circunstâncias do texto com o cotidiano e reconhecendo os personagens da obra no homem contemporâneo. Com isso o “subterrâneo” do texto se revelava nitidamente.

É interessante rememorar as etapas do nosso processo, hoje tenho consciência que vários aspectos da encenação já se desenhavam na leitura, nas conversas, nas rodas e obviamente no próprio treinamento de forma natural e orgânica. Esse estudo foi muito importante, pois conquistamos juntos uma apropriação do texto que foi fundamental para a etapa que estava por vir e chegamos ao nosso super objetivo com a montagem: impulsionar a ação dos atores a partir da iminência do fim.

Recordo que, nessa época o João tinha apenas duas certezas em relação ao nosso processo, ele dizia: “Precisamos que todos estejam em cena o tempo inteiro e tudo deve acontecer no jogo de ações, sem marcações”. E com um humor muito particular concluiu: “O resto eu não sei e tudo bem, nós vamos descobrir juntos. Vocês me escolheram, agora me aguentem”.



FOTO: ALLYSON ALAPONT

“O jardim das cerejeiras”. André Haidamus, Belisa Ferigoli, Caio Leal, Carlos Alberth, Edilene Ferreira, Edson Gomes, Felipe Rocha, Ferdi Gi, Jorge Maricato, Leandro Vasconcelos, Núbia Amorim, Patrícia Zacarias, Paula Carvalho, Paula Marina, Regiane Melo, Tatiane Amaral, Tasso Corrêa.

Études – Análise Ativa

Nossa criação se deu pelas incertezas, no exercício da Análise Ativa para descoberta da obra cênica. Após as rodas de leitura e conversas, iniciamos um trabalho de “divisão dos acontecimentos” do texto. Um trabalho árduo e de muitos debates, no entanto extremamente importante nessa fase do processo. Foi a partir da divisão de acontecimentos que fomos para a prática do Études, que consiste basicamente em:

Uma roda de improvisação, onde os atores participam ativamente e a composição cênica se dá a partir dos repertórios conquistados no treinamento prático e teórico, nas nossas vivências, nas circunstâncias e nos acontecimentos. Esse era o nosso ponto de partida para o novo, para a criação. O João escolhia um trecho do texto, com começo, meio e fim e acredito que não aleatoriamente; então os atores deveriam voluntariamente entrar no “Círculo” para improvisar a cena. Alguns objetos ficavam dispostos na arena, à disposição do exercício. Alguns pontos nos chamaram a atenção neste período: absolutamente todos os atores deveriam estar em cena em algum momento, ou seja, nós só passávamos para outro trecho do texto quando todos os atores tivessem experimentado; não havia certo ou errado e muito menos combinações, tudo deveria acontecer no “aqui e agora”; a palavra dita não era importante, o foco era trazer o discurso para o corpo na ação. Após cada experimento sentávamos para discutir como, onde e por que fomos afetados pela cena.

Como nos relacionamos enquanto espectadores-atores? Essas perguntas e respostas agregavam valor para que pudéssemos avançar para outros momentos do texto. Estávamos concebendo nossa peça. Foram belos os períodos de crise, de conflitos, de vazios, de silêncios, de dor e angústia que nos abriram para a criatividade artística. Fomos estimulados a criar e com o embasamento que precisávamos para tal, o resultado final ainda era incerto, tínhamos um material tangível de trabalho que iria ser transformado, reinventado e revisitado sempre que necessário.

“O jardim das cerejeiras” – A encenação

“Tchekhov apresenta-se inesgotável, porque, apesar da aparente descrição da vida trivial, [...] ele sempre fala sobre o Humano com maiúscula.”
Stanislavski

Em “O Jardim das Cerejeiras” pode-se ver o retrato do dia a dia de uma família aristocrata em decadência, que busca um rumo frente às mudanças que se aproximam.

A estrutura cênica passeia pelos caminhos do teatro do absurdo, onde damos à realidade do cotidiano um tratamento inesperado e inusitado. Nestes trajetos vamos entendendo o enredo da obra, as ações dos personagens e a crise dos diálogos na descoberta de elementos ilógicos, com o intuito de interpretar os desatinos e a falta de soluções em que estão imersos o homem e a sociedade.

Na construção do caráter de imagem das personagens, transitamos pelas zonas do “público” e do “privado”. Questões comportamentais são levantadas neste processo, dadas as circunstâncias: Como eu sou à luz do círculo público? E no círculo privado?

Buscamos pelas minúcias da crueldade e da violência na teatralidade. Na composição de gestos e formas que estão à margem da imprevisibilidade. Discute-se então na ação, a perda da identidade, o apego ao irreal como perspectiva de sobrevivência, a aproximação da mudança, o passado, o que é perecível. A atmosfera de tensão que se estabelece nas relações, à semelhança

da estrutura dramaturgica, não é traduzida pelo discurso linear ou curva dramática ascendente. Revela-se na crise do diálogo e nos critérios de decisão dos intérpretes, onde os conflitos são trazidos à tona e se dissolvem sem necessariamente se resolverem.

Tais critérios são descobertos na própria encenação, onde assumimos e lidamos com o principal objeto do enredo, apresentado já no primeiro ato: A propriedade será vendida. Eis o prenúncio do fim.

Considerações Finais

João Otávio nos deixou neste plano, acredito que para cumprir uma nova etapa da sua vida espiritual, poucos dias antes da estreia do nosso "O jardim das cerejeiras", na 77ª Mostra do Teatro Escola Macunaíma. Feliz daqueles que tiveram a oportunidade de conhecer, mesmo que pouco; o homem, o ator, o bailarino, o professor, o diretor, o amigo... Reconhecido na sua arte. Segundo Simone Shuba, uma das questões mais importantes para Stanislavski era transformar os artistas em pessoas melhores. Eu realmente não sei se esta também era uma questão para o João Otávio, mas eu tenho absoluta certeza de que ele cumpria honestamente esse papel, com respeito e sensibilidade para acessar as pessoas com quem convivia e trabalhava. Ele nos deixou um legado de amor pelo teatro e um imbatível desejo de continuar.

Quero e preciso agradecer:

Paco Abreu; ele nos disse no último dia de aula, quando conversávamos sobre as devolutivas do processo e das apresentações: "Vocês fizeram um trabalho sublime"; essa frase nos tocou muito.

Silvia de Paula, uma grande amiga e educadora apaixonada; sempre disposta a ajudar no que é preciso e a qualquer tempo.

Paula Marina, assistente de direção e técnica, aluna do Macunaíma que acompanhou todo o nosso processo com dedicação e afinco.

Simone Shuba e Felipe Rocha, fundamentais desde sempre. Nada seria possível sem vocês. Nada.

Nossa montagem de "O jardim das cerejeiras" virou projeto. Faremos apresentações no Circuito



FOTO: ALLYSON ALAPONT

"O jardim das cerejeiras". Caio Leal, Carlos Alberth, Ferdi Gi, Jorge Maricato, Núbia Amorim, Patrícia Zacarias, Regiane Melo, Simone Shuba, Tatiane Amaral, Tasso Corrêa.

do Reapresenta do Teatro Escola Macunaíma e na Mostra Experimentos do TUSP, continuaremos trabalhando para levar nossa obra onde for possível.

Nossa homenagem ao João Otávio está em cada ensaio, cada apresentação, em cada passo dado em nosso percurso como atores, como aprendizes.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

KANTOR, Tadeusz. *O Teatro da Morte*. São Paulo: Edições SESC São Paulo, Perspectiva, 2008.

BOGART, Anne; LANDAU, Tina. *The Viewpoints book: A practical guide to Viewpoints and Composition*. New York: Theatre Communications Group, 2005.

TCHEKHOV, Anton Pavlovitch; FERNANDES, Milôr. *O jardim das cerejeiras*. São Paulo: L&PM Pocket, 2009.

VÁSSINA, Elena. Anton Pavlovitch Tchekhov: *Um clássico contemporâneo da literatura russa*. Ed 132. 2010. Revista Cult em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/anton-pavlovitch-tchekhov>. Acesso em: 08 de março de 2013.

André Haidamus é ator formado pelo Teatro Escola Macunaíma e graduado em Administração. Atualmente integra o grupo artístico da Cia. Vinte e Duas Desgraças, Pessoa Produções e a Coordenação Pedagógica do Studio Fátima Toledo de Cinema. Participou como assistente de direção no Macunaíma, nos processos "Kaspar" – direção de Reginaldo Nascimento (2011); "Angústias" – direção de João Otávio (2012 / 1); "Horizontes" e como colaborador em "Instantes da Eternidade" – direção de Simone Shuba (2012 / 2 e 2013 / 1). ■